

Uma expressão da cultura: trânsitos lusófonos no contexto do carnaval em Portugal

Deborah Kramer Pereira¹,
debykr@gmail.com

Resumo: Este ensaio reflexivo parte de uma breve definição de conceitos como lusofonia, africanidade e brasilidade, relacionando-os com questões sobre a cultura e a construção da identidade, abordados a partir de uma data específica – o carnaval. Tendo como cenário o carnaval de rua realizado na cidade de Loures (Portugal), propomos uma reflexão com base nesta prática construída socialmente, entendida sob a óptica de Bourdieu, que a partir de temas como sobreposição, aproximação e confluência de culturas, destaca uma postura onde apesar da tradição no passado, passou a reproduzida e padronizada, deflagrando algumas relações entre colonizador x colonizado. E por fim, lança-se à discussão acerca de uma incorporação da cultura por meio da música e da dança, capaz de transpor as barreiras étnicas e geográficas.

Palavras-chave: carnaval; cultura; identidade.

1.Introdução

Propor inicialmente um espaço de definições para os conceitos de lusofonia, africanidade e brasilidade é um ponto de partida importante para localizar o fenômeno observado dentro de um recorte específico: a incorporação e reprodução da cultura. Convém dizer que não se pretende fazer uma crítica ao que está posto ou a uma forma de vivenciar a alegria pressuposta ao carnaval como se bem entende em cada lugar do globo, mas sim que este texto sirva principalmente a ampliar a reflexão acerca dos complexos processos de construção da identidade e cultura de cada região. Começamos pela lusofonia, um termo que na atualidade obedece ao princípio da globalização e interdisciplinaridade onde se pretende afirmar uma identidade comunitária, para além da questão lingüística (Roubaud, 2008). Também pode ser interpretada como um

¹ Doutoranda em Dança pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa- Portugal.

sentimento, como uma alma, como um desejo de viver em conjunto, partilhando uma cultura e um passado comum. Numa dimensão mais vasta, de acordo com documento oficial do Encontro de Lusofonia em Torres Novas (2008) “o termo designa o conjunto dos estados e organizações que trabalham em conjunto com o objetivo de desenvolver a língua e as sociedades de língua portuguesa internamente e por fora”. A partir disso, nota-se não só que existe a necessidade de afirmação de uma língua, como também de toda uma cultura oriunda a partir dela. Digamos que a lusofonia não trata da sobreposição de uma cultura sobre outra, mas da valorização de algo que é em sua essência a identidade portuguesa, destacando o fato de Portugal ser o país cuja história tornou possível a existência de uma comunidade (a dos países que falam a língua portuguesa). Aqui nasceu a língua que nos une, dali partiram as caravelas que proporcionaram os encontros de culturas e civilizações e de que resultaram os traços culturais e afetivos que nos ligam (Torres Novas, 2008). Assim, temos um passado que nos une e uma afinidade quase familiar, não apenas centrada na língua portuguesa, mas em diversos aspectos da cultura, culinária, arquitetura, artes plásticas, música e porque não dizer, da dança. Isso porque é impossível ter crescido no interior do Brasil, comemorando as festas juninas, dançando em invernada artística de CTG² e não se sentir em casa com a Festa dos Santos em Lisboa ao ver as marchas populares das freguesias com seus trajes, sua música e evoluções dos corpos no espaço. E como não comparar seus trajes com os coloridos trajes típicos africanos cheios de detalhes e cores?

Continuando, já os termos africanidade e brasilidade, apesar de apresentarem múltiplas definições acerca do que significam, nenhuma é muito precisa sequer a despeito da separação dos temas. Africanidade se refere à qualidade própria do que é africano, seja num aspecto cultural ou histórico. Mas o que é africano? O fato é que a diversidade de climas, idiomas e culturas dentro do próprio continente africano criou uma certa dificuldade em caracterizar estilos de vida entre os seus habitantes. Assim, o termo também pode ser definido como um sentimento de amor ou de grande afeição pela África. A expressão brasilidade refere-se às raízes da cultura brasileira que (além da indígena) têm origem principalmente portuguesa e africana. O termo nos reporta ao modo de ser, de

² CTG: Centro de Tradições Gauchas - buscam divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha, própria do sul do país, tal como foi codificada e registrada por folcloristas reconhecidos pelo movimento. Visam o resgate e a preservação dos costumes dos gaúchos, através da cultura dos rodeios, da comida, da música e dança.

viver, de organizar as lutas próprias dos brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura colonizadora que, independente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia (Silva, 2009). Feijoada, samba e capoeira resultaram de criações dos africanos que vieram escravizados para o Brasil e de seus descendentes e representaram formas encontradas para sobreviver, para expressar um jeito de construir a vida, de senti-la, de vivê-la, mas que hoje soam como patrimônios brasileiros, pois foram incorporados por todos no país independente de seu contexto. Desta forma, justifica-se a proximidade citada entre os termos brasilidade e africanidade: uma receita de feijoada, por exemplo, contém mais do que a combinação de ingredientes: é o retrato da busca de soluções para a criação e manutenção de uma identidade, incorporada pela sociedade brasileira. A construção da nação brasileira vai se mesclando com outros grupos étnicos e suas influências que, ao mesmo tempo, são recebidas, incorporadas e devolvidas àqueles, numa espécie de movimento de retroação. Ao falar de processos identitários entre colonizadores e colonizados Fikes coloca que, a *lusofonia* não recordou narrativas de mistura inter-racial. Em vez disso identificou um nexos cultural comum de portugalidade na experiência africana (e brasileira) em relação à história, língua, alimentação e música (Fikes, 2009).

2. O carnaval como assunto

Não se sabe ao certo a origem desta festividade, mas diz-se que teve início na Grécia (600 a 520 a.c), onde a festa era realizada pelo povo como agradecimento aos deuses pela fertilidade do solo e pela produção. Diz-se que o carnaval moderno como se conhece hoje, nasceu na cidade de Veneza, com tradição desde o século XVII e sua característica maior eram as máscaras usadas pelos nobres como disfarce para festejar sem chamar a atenção do povo. As fantasias de pierrô e de colombina, também apareceram nesta época e foram logo incorporadas ao carnaval mundial. Já os desfiles de fantasias são produto da sociedade vitoriana do início do século XX, tendo Paris como modelo da festa carnavalesca e inspiração para muitos outros locais ao redor do mundo. O carnaval chegou ao Brasil através da colonização (portuguesa e africana) pela imitação das festas que ocorriam na Europa, e foi se modificando conforme as experiências e vivências do povo no que se refere à música e a dança. Atualmente no Guinness Book como o maior Carnaval do mundo, o Rio de Janeiro criou e exportou os desfiles das escolas de samba,

movimentando um número estimado de dois milhões de pessoas por dia. Mas no país, nasceram também outras inúmeras formas de comemorar o carnaval, como os blocos de rua com os bonecos gigantes do Recife, os trios-elétricos da Bahia, os bailes de carnaval nos salões de clubes e associações com animação de bandas e concurso de fantasias pelo país afora, assim como as saídas à rua da população caracterizada de forma cômica ou criativa, como homens vestidos de mulher e a forma mais recente e ainda pouco divulgada, a 'Zombie walk' em Curitiba (que por sua extrema colonização européia, mantém pouca relação com o carnaval-espetáculo do sudeste do país) e encontrou uma forma muito específica de comemorar o carnaval.

Mas com tantas formas, o que é de fato o Carnaval? Celebrado 40 dias antes da Páscoa, desde o século XI, este período é chamado pela Igreja Católica de Quaresma, que preserva quarenta dias de jejum, com abstinência de carne. Caracterizado por muitas privações, é um dos motivos para o carnaval acontecer geralmente durante os dias que antecedem a quarta-feira de Cinzas. A terça-feira de carnaval é o ponto alto, chamada de terça-feira gorda ou 'Mardi Gras' (como dizem os franceses). Assim, Carnaval ou Entrudo são os três dias de folia que precedem a quarta-feira de cinzas, pois como a palavra que tem origem no latim '*carna vale*' significa dizer 'adeus à carne', é uma forma de aproveitar, antes da época da privação. Porém, com o aparecimento do Cristianismo o Carnaval perdeu um pouco do seu caráter simbólico e místico.

Como citamos anteriormente, no início as festas de carnaval aconteciam nas ruas com desfiles e fantasias, depois passaram a ser realizadas nos salões onde eram tocadas as marchas e os sambas. Mais é preciso dizer que mesmo com todas as variações e formas distintas de se comemorar, o carnaval é uma festa democrática, onde todos participam em igual condição (independente de raça ou condição social). De acordo com Bourdieu (1992) como prática construída socialmente, o carnaval carrega uma série de análises a partir das quais podemos observar como as pessoas (populações, países) incorporaram-no em sua estrutura social ao mesmo tempo em que o produzem, legitimam e reproduzem. Como habitus – esquemas de ação e pensamento estruturados e construídos socialmente - o Carnaval traz uma espécie de comportamento atrelado, vinculado muitas vezes a uma transgressão de regras e valores. Em sentido figurado a palavra Carnaval pode significar folguedo, folia ou confusão.

É fato que nesta época, alguns comportamentos são tolerados e compreendidos como uma forma lúdica de demonstrar alegria tornando as pessoas que brincam o carnaval liberto de seus valores morais. É uma época para se soltar, para se travestir, para ousar e creio que daí advém a popularização mundial desta data, pois cada vez mais (neste nosso novo mundo tecnológico) os indivíduos procuram um espaço para brincar, um escape para tanto estresse, um afastamento do ecrã, uma época para ser feliz (nem que seja por apenas uma noite), livre de julgamentos e intenções. E novamente buscando referência em Bourdieu, o mundo social tem estruturas objetivas que podem dirigir, ou melhor, coagir a ação e a representação dos indivíduos, e assim o Carnaval atualmente perdeu muito de sua espontaneidade popular em quase todas as suas manifestações, passando a ser (em muitos lugares) uma atração turística, como o que se vê em alguns pontos no Brasil.

3. O carnaval de Loures

Em meio à tentativa de compreender e definir alguns conceitos me deparei com o que Teresa Fabião (Pinto, 2013) chama de ‘confluência de culturas’, ou seja, questões acerca do envolvimento e do diálogo entre informações locais e contextos globais: o Carnaval de Portugal. A divulgação da festividade dizia que “*O Carnaval de Loures é um dos maiores carnavais da região de Lisboa e do país. Remonta já a 1934. Em 2015 fazemos uma viagem até Hollywood, para escolher como tema “O Cinema”. Encontrará os principais ícones do cinema americano, como também os grandes sucessos Portugueses, numa homenagem à 7.ª arte.*” Além do curso (desfile pelas ruas) a programação também contava com animação por bandas e DJ’s num pavilhão local durante as noites de festa. Curiosa com a publicidade decidi ir até lá e conhecer pessoalmente o Carnaval de Loures. Abordando o tema a partir de algumas incidências discursivas propostas por Roubaud (2008), vamos refletir acerca do que há em Loures, incluindo algumas referências a história do Carnaval na região. Em primeira análise, a integração de referentes da cultura popular e global, que inicialmente nas primeiras comemorações (a partir de 1934) se caracterizavam pela saída das ‘Cegadas’ - paródias cantadas em verso, sobre os costumes e desavenças da época, uma das muitas formas de manifestação de crítica social, encenações de teatro de rua, mordazes e irônicas, que tinham como função escarnecer ou ‘dar recados a alguma personalidade local’ (Loures, 2015). Outras

atividades tradicionais eram: o arremesso de ovos, os enfarinhamentos e os jogos de água junto ao chafariz. Antigamente as pessoas mascaravam-se, apelidando-se de ‘encaraçados’ e iam dançar no salão da ‘Sociedade’. Na referência atual, pouco se vê desta cultura popular, que no desfile apenas se fez presente através das figuras das mulheres com trajes típicos do campo, e em alguns homens também vestidos de senhoras. Um dos pontos mais altos era o Enterro do Carnaval – tradição que ainda persiste, que simboliza o fim do Carnaval na quarta-feira à noite. Na década de 40 a proposta de um deputado da Assembléia Nacional, proibiu o carnaval que só a partir da década de 70 voltou a realizar-se já semelhante aos moldes atuais. Entre idas e vindas o Carnaval Saloio de Loures conseguiu o apoio da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, criando a Associação do Carnaval de Loures cujo objetivo principal era conseguir o direito de superfície de um terreno, onde foi construída a sede social e o pavilhão para preparação dos carros alegóricos. Isto mostra que a cultura pode ser um forte articulador no sentido de mobilizar a sociedade na busca de soluções comuns. Atualmente, o Carnaval de Loures, com 15 carros alegóricos e cerca de 1200 figurantes, é considerado um dos mais importantes da Área Metropolitana de Lisboa e do país. Os festejos trazem às ruas de Loures dezenas de milhares de pessoas e ao longo do tempo tem assumido um papel de destaque na promoção da região.

E aqui um ponto que incide sobre questões de afirmação/dissolução da individualidade e identidade: entre 2006 e 2012 a organização contou com o apoio de uma equipe de especialistas oriundos de escolas de samba do Rio de Janeiro, coordenados por um ‘carnavalesco’ que tinha como função idealizar e conceber os figurinos e carros alegóricos. Esta informação clarifica uma série de questões acerca do carnaval que pôde ser visto em 2015: uma sobreposição da cultura do carnaval. Se de um lado temos um local empenhado (no decorrer do tempo) em manter o carnaval e promover a região turística e economicamente, de outro temos a idéia de que a reprodução do conhecido carnaval brasileiro (guardadas as devidas proporções) seria uma boa solução para tal, daí a importação de multiplicadores para conduzir a festa. Agora, pensemos: já de início temos dois pontos que inviabilizam a mesma condição para ambos os festejos (o brasileiro e o português), o primeiro acontece em pleno verão com temperaturas médias entre 25° e 33°, enquanto que o segundo está situado em pleno

inverno onde as temperaturas este ano giravam em torno de 4º ou 5º. Isto já condiciona o ponto que queremos discutir aqui com maior atenção: o corpo e a possibilidade de ser vestido, despido e exibido. É fato que cada um tem o direito de vestir-se e comemorar da forma que bem lhe aprouver, se assim estiverem confortáveis com a situação em que se colocam. Mas não me parece confortável vestir roupas de alças e pernas de fora (num frio de 5º) onde tanto adultos como crianças não demonstravam alegria, mas sim estavam a tremer e sequer acenavam para quem lhes sorria durante a passagem do desfile. Ora, se a exposição do corpo, faz parte do hábito do carnaval brasileiro em trajes luxuriantes, não parece justo que a criação dos figurinos fosse adaptada a situação local? Com tantas referências históricas da cultura popular, assim como de outras representações do carnaval europeu, porque se optou pela dissolução da identidade e incorporação caricata do que se vende como um verdadeiro carnaval? O que incomoda de fato não é o frio, ou a incorporação da idéia do carnaval brasileiro, mas porque ao invés de buscar um resgate da essência do carnaval antigo da região, Loures apenas tenta reproduzir algo, sem questionar as diferenças e dificuldades que existem entre os dois modelos?

Relativamente acerca do corpo, ainda há um ponto a comentar: a exposição por meio da dança. No Brasil, o Carnaval (excluindo-se o caráter mercadológico e turístico que se instaurou) funciona para o povo (e principalmente o povo do morro) como uma forma de extrapolar a cultura popular do país para fora das fronteiras, numa tentativa de visibilidade mundial. A música e a dança – o samba - fazem parte desta essência, que apesar de não fazerem parte do cotidiano do brasileiro de maneira geral (pois em muitas regiões do Brasil o povo não sabe dançar o samba), acabam por recuperar a cultura expressiva, com base num patrimônio popular reforçando uma identidade nacional (Roubaud, 2011). O samba que surgiu no Rio de Janeiro, com base na cultura africana, em ritmos como o lundu, umbigadas e pernadas de capoeira (Tavares, s/d; Silva, 2009), muitas vezes fala da brasilidade, do orgulho de ser brasileiro apesar das dificuldades e funciona como um hino de mobilização nacional, onde cada grupo fomenta suas próprias questões. Em Loures, a música vai desde as marchinhas antigas (Brasil), o samba-enredo das escolas, até músicas mais populares hoje como a lambada, o axé-music ou mesmo o sertanejo e o funk. Já a dança, não parece ser samba, nem sertanejo e acaba quase como uma caricatura de vários ritmos que se tenta reproduzir. Numa época de liberdade

de expressão, de 'democracia do corpo', onde se pode viver intensamente, independente de padrões (Marques, 1998), onde não há restrições de forma, peso, tamanho, cor ou flexibilidade, preocupa-nos a tentativa de reprodução de algo que definitivamente não está na essência da região. Sequer haviam brasileiros ou africanos desfilando em Loures.

Cada cultura, cada sociedade têm um nível de vivência corporal conforme a influência do espaço e do tempo na experiência perceptiva do ser humano diante da cultura. Antigamente para a Igreja, o corpo dançando a mostra, era um corpo demoníaco e com o passar do tempo nada mais natural que a dança passasse a ser sinônimo de divertimento e prazer. A partir das experiências corporais que observamos ou experimentamos, somos ativados no que se refere a uma memória de corpo (Lepecki, 2010). Por meio do movimento e do ritmo o corpo pode transformar-se e aproximar-se criando uma certa dilatação e extrapolando seus limites. E o carnaval tem isso, mexe com as pessoas, aproxima o público, ávido por ver e experimentar aquilo que não faz parte de seu dia a dia. A dificuldade de transpor a força com que a mídia coloca um evento como o carnaval, fugindo da mera reprodução, talvez resida no fato de o corpo ser, neste caso, um objeto de exibição e consumo, tão forte que não importa que movimento faça, ele sempre se coloca em evidência. E desta maneira ultrapassa os estereótipos presentes 'resgatando' a expressão individual de cada corpo que dança. A questão que se coloca aqui é: o fato dessas trocas acontecerem, não será suficientemente positivo, pois pelo menos, dá-nos a conhecer e incita os indivíduos a relacionarem-se?

4. Finalizando...

Este é um assunto que pode ser estendido a um dialogo maior, por isso finalizamos e não concluímos. Com a participação de mais de 90 mil pessoas entre os desfiles e os bailes de animação noturna, Loures se configura num destino de referência no carnaval português. Além da Associação, os patrocinadores oficiais e comerciantes locais também apoiaram a iniciativa, que culminou num desfile carnavalesco de entrada gratuita, tentando favorecer a participação do público (dadas as devidas dificuldades financeiras vivenciadas pelo país), não abandonando os padrões de qualidade e folia (Loures, 2015).

Incorporar uma cultura na forma de uma fusão vai além da reprodução de estereótipos e vai de encontro a real vivência acerca das práticas e valores de cada cultura. De acordo com Silva (2003) só tem totalmente sentido o que for aprendido pela ação, isto é, se no ato de aprender, o aprendiz executar tarefas que o levem a pôr a mão na massa, sempre informado e apoiado pelos mais experientes. Dizendo de outra maneira, aprender realmente o que se vive e muito pouco sobre o que se ouve falar. E neste aspecto a iniciativa de Loures é bem vinda, pois muito mais do que a cultura do colonizador sobre o colonizado, e aqui exatamente o contrário, talvez a vivência do carnaval de Loures em sua inocência seja uma espécie de valorização, de ode a esta cultura afro-brasileira, mas que em sua essência abraça também a alma e a alegria do povo português. Sim, porque o português é um povo festivo, e se encontra na rua nas festas dos Santos, nas feiras populares por todo o país, e no carnaval. E a partir daí, entende-se que há muito de Brasil aqui...e há muito de Portugal lá. E se essa é a idéia, é preciso então querer ir além, é preciso ir buscar realmente esta aproximação de culturas usando a dança e a música para transpor as barreiras étnicas e geográficas do país, por meio de uma pedagogia cultural, uma espécie de reinterpretação do formalismo plástico característico, experimentando e vivendo este corpo, esta música e esta dança num processo de incorporação do estilo de carnaval e da brasilidade (africanidade) portuguesa, onde o Carnaval de Loures, não seria apenas mais uma festa, mas um local onde as barreiras de raça e cultura se alargam, indo cada vez mais longe nesta irmandade de língua, nesta relação de colonizador x des-colonizado.

Referências

Bourdieu, P. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1992.

Bourdieu, P. **Questões de Sociologia**, Lisboa: Fim de Século. Portugal. 2003.

Fikes, Keshia. **Managing African Portugal**. The Citizen-Migrant Distinction. Durham e Londres: Duke University Press. 2009.

Lepecki, André. **The Body as Archive**: Witt to Re-Enact and the Afterlives of Dances. *Dance Research Journal* 42 / 2 Winter. 2010.

Marques, Isabel A. **Pro-Posições** - Corpo, dança e educação contemporânea. Vol. 9 N° 2 (26) Junho. 1998.

Pinto, Maria Teresa Fabião da Silva. “Danças africanas em Portugal: práticas artísticas e pedagógicas”, in **Revista Migrações**, Setembro 2013, n.º 11, Lisboa: A CIDI, pp. 119-132.

Roubaud, L. **Descolonização do Corpo e do Imaginário**. A Reinvenção da dança na África Lusófona Contemporânea, *ETNO-FOLK – Revista Galega De Etnomusicoloxía*, nº12, Baiona, Dos Acordes, pp 117-136. 2008.

_____. **Dance and Lusophone Identity**: Eurocentrism, Post-Colonialism and Contemporary Dance, Em *XXIII Conference, European Seminar In Ethnomusicology*, Universidade Nova de Lisboa. Novembro 2007.

_____. **A Dança Independente em Portugal**: Imaginários do Corpo. Em *Estudos de Dança*, 337-353. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. 2004.

_____. **O novo ouro negro**. Revista Ípsilon. Junho/2011, p.20-21. Lisboa-Portugal.

Silva, Petronilha B. G. **Africanidades brasileiras**: Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. Revista do Professor, Porto Alegre, Ano 19, Número 73: 26-30, jan./mar.2003.

Travassos, E. Por uma cartografia ampliada das danças de umbigada. In.: **Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras**. Universidade do Rio de Janeiro. RJ – Brasil. (s/d).